

*A precariedade do literário: leitura
dos Fragments du métropolitain
de Jeanne Truong*

*The precariousness of the literary:
readings of Jeanne Truong's
Fragments du métropolitain*

Daniel S. **LARANGÉ**

Professor do Departamento
de Língua e Literatura
Francesas da Universidade
de Åbo. Turku, Finlândia.

daniel_larange@yahoo.fr

Tradução de
Ana Rossi

Resumo

Fragments du métropolitain de Jeanne Truong testemunha a precariedade na qual a literatura contemporânea se encontra no momento em que o digital e o virtual começam a tomar conta da realidade. Esta precariedade do literário coloca em questão o lugar do homem na sociedade pós-moderna anunciando a era da pós-humanidade onde o homem estaria apenas ao serviço das máquinas. Esta precariedade está ligada ao esfacelamento do elo social e à subida dos egoísmos autodestrutivos.

Palavras-chave: fragmentação, individualismo, pós-modernidade, precariedade.

Abstract

Jeanne Truong's *Fragments du métropolitain* demonstrates the precariousness of contemporary literature written at a time when the digital and the virtual begin to dominate the reality. The precariousness of the literary questions the place of man in postmodern society, announcing the era of post-humanity where man would serve the machines. This vulnerability is related to the fragmentation of social ties and the rise of self-destructive selfishness.

Keywords: fragmentation, individualism, postmodernity, precariousness.

O mundo parece estar destinado à precariedade, se acreditarmos em Zygmunt Bauman. Este estado é o da pós-modernidade onde a mundialização envolve o universo em um nomadismo generalizado tanto em seus deslocamentos como em suas ações, opiniões e crenças. O apagamento da sedentarização favorece a estandardização provocando a *fragmentação* da vida.

Qual é o impacto disto sobre a escritura do extremo contemporâneo?

A obra de Jeanne Truong, *Fragments du métropolitain* propõe uma reflexão literária sobre a precariedade ligada à sociedade de consumo sob um regime neoliberal. Trata-se de mostrar como a economia das “crises” repetidas que fratura uma sociedade, incapaz de continuar a pagar as faturas, despedaça a economia de uma escritura que se fragmenta e se nomadiza. O ritmo de vida acelerou-se e o narrador do metrô é apenas o espectador desorientado pela deliquescência do sentido.

A metáfora metropolitana

Jeanne Truong passou um ano no Marrocos em companhia de dois fotógrafos Vincent Ohl e Arnaud Childéric para ir ao encontro dos meninos de rua, e eles publicaram um álbum em 2006 intitulado *Maroc: enfants des rues*¹ que recebeu um prêmio da UNESCO.

1 | TRUONG, Jeanne, OHL Vincent, CHILDÉRIC, Arnaud. Maroc: *enfants des rues*. Paris: Marval, 2006.

2 | NDT, *A noite passeada*.
3 | TRUONG, Jeanne. *La Nuit promenée*. Paris: Gallimard, coll. "L'Infini", 2005.

4 | MAFESSOLI, Michel
Mafessoli et PERRIER, Brice.
L'Homme postmoderne.
Paris: Bourin, 2012.

Em 2010, a editora Beauchesne publica um romance cuja redação se estendeu por mais de dez anos. *Fragments du métropolitain* retoma os temas da precariedade e da marginalidade para desenvolvê-los sob a forma de fragmentos, fazendo assim eco aos clichês do álbum publicado anteriormente. A vagueação que caracteriza seu universo é aquela que já está onipresente em seu primeiro "romancepoema" *La nuit promenée*^{2 3} em que a narradora, recém-chegada na metrópole, deambula pelas ruas desafiando sua vida de nômade nos estratos da cidade, se perde e tromba contra a civilização que ela não entende. Ela tropeça, se machuca, negligencia a feiura e rastreia a beleza nos recônditos das pedras, encontra homens e principalmente livros, indo para onde seus passos a levam; ela abre os olhos e se inventa o mundo tal como nela mesma ela o ressentente. Redigido sob a forma de aforismos que não o são, este romance retrata as vias de uma nova cultura pós-moderna da alteridade e da imediatez. Ele denuncia a corrida rumo à rentabilidade que caracteriza a vida moderna.

Com *Fragment du métropolitain*, a narradora mergulha nos corredores e nos vagões do metrô para dizer, com metáforas, alegorias e parábolas o que significa e designifica a vida em superfície e no exterior. Os antros testemunham então da interioridade da pós-modernidade e das precariedades social, econômica, moral, psicológica e espiritual que caracterizam nossa extrema contemporaneidade. O uso predominante do presente do indicativo permite justamente explicitar o que indicam, no subsolo, os fundamentos de nossa sociedade neoliberal que reprime, no entanto, qualquer liberdade sob o pretexto da constante ameaça das crises repetidas. Pois o homem pós-moderno, este sedentário que vê sua vida cair em um nomadismo generalizado, por tanto ver mudar seu meio ambiente, suas tarefas, suas funções, sua natureza, sua situação, etc., é sim um sem-teto de sobreaviso⁴.

A metáfora do metrô, rede local por excelência que permite à multidão anônima se deslocar sem se mexer, testemunha justamente de um problema global, isto é, a mundialização, troca de homens e de produtos sem nenhum deslocamento imposto a eles. O discurso romanescos se encarrega poeticamente em denunciar sociologicamente. O metrô é justamente este progresso técnico da modernidade concebido para otimizar a rentabilidade das multidões trabalhadoras; ora, o metrô tornou-se hoje igualmente o dormitório destes homens que falharam, e cuja inatividade tornou-se a atividade principal. Assim, o sociólogo Zygmunt Bauman declara:

O progresso triunfante da modernização tendo alcançado os territórios mais distantes do planeta, e estando praticamente a totalidade da produção e do consumo humanos doravante encampados pelo dinheiro e pelo mercado, assim como os processos de mercadização, comercialização e monetarização dos meios de subsistência dos seres humanos penetraram cada canto e recanto do globo, as soluções globais aos problemas causados localmente ou as saídas globais aos excessos locais não estão mais disponíveis. De fato, é todo o contrário: todos os países (inclusive, claro, aqueles que

atingiram um nível de modernização muito alto) devem suportar as consequências do triunfo global da modernidade. Eles estão agora confrontados à necessidade de procurar (em vão, parece) soluções locais aos problemas cuja causa é global.⁵

Uma consequência imediata para a literatura do extremo contemporâneo é a predileção da anedota, do relato curto, do sainete, da notícia de bar⁶ em detrimento das formas mais longas e complexas. No entanto, ela ganha bruscamente uma dimensão e um alcance universais. Até mesmo quando o relato assume ares de epopeia, oferecendo um “entulho” de leitura sob a forma de um bloco, os propósitos finalmente anódinos se limitam em expressar a universalidade que, em regime de pós-modernidade, se concentra sobre o aspecto ao mesmo tempo efêmero e minimalista dos relatos que se contentam em “bricolar” e “reciclar” materiais de segunda mão ou trastes. Tal é hoje a crise dos relatos⁷. Além disto, Bauman aprofunda sua descrição crítica da sociedade contemporânea:

Para abreviar esta longa história, a nova plenitude do planeta significa essencialmente uma crise aguda da indústria de tratamento do lixo humano. Enquanto a produção de lixo humano continua sem esmorecer e atinge novos ápices, o planeta está com falta de lugares de despejo e de ferramentas para reciclar.

Para tornar esta situação, já muito preocupante, ainda mais complexa e ameaçadora, uma nova fonte possante de “seres humanos rejeitados” acrescentou-se às duas primeiras. A globalização tornou-se a terceira – e atualmente a mais prolífica e a menos controlada – das “cadeias de produção” de traste humano ou de seres humanos rejeitados.⁸

A precariedade ameaça todo ser humano que pode se encontrar, um dia, sem aviso prévio, relegado à condição de traste, e fragmentar justamente esta vida que geralmente parece tão sólida e homogênea. A narradora-personagem decide percorrer o metrô parisiense usando todas as linhas, descobrindo todos os túneis, explorando cada corredor, indo ao encontro desta “massa” trabalhadora que cedo pela manhã até as últimas horas da noite viaja na escuridão.

Podemos abordar a realidade social apenas sob o ângulo da ficção. Cada realidade tem sua decoração. Eis o que parece aquele da massa laboriosa. Mas até nesta concentração de suor, existe uma distribuição de papéis mais ou menos favoráveis. Seria suficiente para cada um girar a cabeça para modificar esta distribuição. Inúmeros sonhos acontecem, poder-se-ia dizer, no mesmo espaço. Esta dificuldade do pescoço é a marca de uma incapacidade em imaginar outras vidas fora de seu campo de visão. A falta de flexibilização da cabeça já é um sinal de sujeição e de condição social.⁹

5 | BAUMAN, Zygmunt, *Vies perdues: la modernité et ses exclus* (1re éd. 2004), trad. Monique Bégot. Paris: Payot, 2009, p. 18-19.

6 | NdT Em francês, a expressão “brève des comptoirs” foi cunhada por Jean-Marie Gourio em *Le grand café des brèves des comptoirs*, Robert Laffont, 2013, seu último livro que é uma coletânea sobre frases, observações engraçadas, cômicas e graves ouvidas nos bares (bistrot) da França, e que se referem à sabedoria e à cultura populares.

7 | GONTARD, Marc. *Écrire la crise: l'esthétique postmoderne*. Rennes: Presses universitaires de Rennes, coll. “Interférences”, 2013.

8 | BAUMAN, Zygmunt, *Vies perdues: la modernité et ses exclus* (1re éd. 2004), trad. Monique Bégot. Paris: Payot, 2009, p. 18-19.

9 | TRUONG, Jeanne. *Fragments du métropolitain*. Paris: Beauchesne, 2010, p. 18.

O metrô torna-se então o espaço simbólico de endoutrinamento das massas e refletiria assim um estado da sociedade francesa, e até do mundo. Os homens circulam aí sem nada ver a não ser a si mesmos enquanto massa humana formatada a partir do medo de ficarem iguais aos marginais que se instalaram ali para sempre.

Então, este ordinário me recorda todo tipo de misérias, miséria da repetição, miséria dos hábitos, miséria do trabalho, miséria do consumo. Eis-me aqui jazendo como um cadáver sem personalidade, um manequim sem alma, o olhar vagueando sobre a mecânica de uma escada-rolante, sobre as linhas que se fecham sobre elas mesmas. Tenho consciência até demais que o metrô está marcado pela ausência de paisagem, de janela, pela onipresença da massa, o fluxo ininterrupto de homens.¹⁰

10 | TRUONG, Jeanne. *Fragments du métropolitain*, p. 19.

11 | TRUONG, Jeanne. *Fragments du métropolitain*, p. 44.

12 | TRUONG, Jeanne. *Fragments du métropolitain*, p. 52.

13 | ROBIN, Régine. "Le discours social et ses usages", In: *Cahiers de recherche sociologique*, vol. 2, n°1, 1984, p. 5-17.

14 | ANDERSON, Perry. *Les Origines de la postmodernité*, trad. Natacha Filippi et de Nicolas Vieillescazes. Paris: Les Prairies ordinaires, coll. "Penser/Croiser", 2010.

Ele é o próprio "clichê" do que se tornou a vida em sociedade. Lugar comum do vazio que separa "entre a casa e o mundo"¹¹.

O mapa do metrô é tecido com 14 linhas. É neste lugar comum que milhares de pessoas circulam, comem, bebem, dormem, caminham, se apressam. É preciso apenas olhar ao redor de si para se dar conta que aqui vêm pessoas do mundo inteiro. O cosmopolitismo da França arromba os olhos. Um verdadeiro condensado das cores da humanidade. Mas, no entanto, não há acaso. A maioria dos viajantes tem uma ligação histórica com a França. É a consequência direta de seu colonialismo. E não é também um acaso se encontramos todas estas pessoas nos subterrâneos.

A história continua desta forma. A realidade é tão literal que temos dificuldade em enunciá-la sem um sentimento piedoso de trivialidade. Ela se tornou um clichê perdendo, por esta razão, de seu interesse. Deve-se fazer um esforço para lutar contra seu desejo de silêncio. A evidência da verdade dá vontade de se autocensurar tamanho ela envergonha o desejo natural de criação.¹²

Estes óstracos reunidos em uma mesma coletânea sob a forma romanesca são muitas lascas de cerâmica quebrada que testemunham pedaços de vida em comum na era de uma civilização chamada a desaparecer sob a terra. Cada episódio é reduzido a símbolos que o leitor é chamado a reconhecer a partir de seus próprios fragmentos de viagem. É o "discurso social" formado por "barulhos" e "ecos" que assombram nosso próprio inconsciente coletivo, e que (re) sai pela boca dos viajantes de fortuna, excedidos pelos abusos repetidos dos quais eles são as vítimas anônimas. Eles largam estas palavras que todos pensam sem nem sempre ousar dizê-las¹³. Como mostra Perry Anderson, o pós-moderno torna-se por excelência o reino do imaginário popular deturpado pela mercadização da cultura sobre fundo de desigualdade exponencial¹⁴.

*Ontem à noite, era véspera do Ano Novo e o vagão sobrecarregado com estrangeiros que são, apenas de uma certa forma, as crianças diretas da França, seus bastardos, suas criações, urrando, bagunçando, desesperados em passar meia-noite em um metrô, tentando, no entanto, permanecer cordiais com seu humor negro, acalmando-se para fazer papel bonito, desenraizados no túnel instável enquanto que o Ano-Novo é uma soldadura entre amigos, vizinhos, familiares em um lugar protegido, um lugar de amor; isto não escapa a ninguém, e uma menina negra bem que gritou sua frustração, logo será o ano novo e estou em um vagão! Era o grito do desespero que falava por todos nós.*¹⁵

O “discurso social” finalmente se expressa apenas nos subterrâneos da cidade, longe das orelhas e do olhar dos governantes. A alegoria é clara: a “massa” é levada em uma velocidade *infernal* sem poder agir com liberdade enquanto que na superfície a democracia pretende brilhar de seus mil fogos. Enquanto que o campo léxico da insatisfação (“desespero”, “frustração”) cobre o conflito latente que reina em uma sociedade desesperada, o “elo social” tanto valorizado pelos (homens) políticos – que não têm mais nada de humano – é artificial, e é um “bricolage”, como o mostra a metáfora da “soldadura de amigos, vizinhos, familiares”, e que o “desenraizamento” é generalizado por uma falta de cult(ur)as comun(s)¹⁶.

Nós íamos em direção ao Trocadero para encontrar um ancoradouro, admirar os fogos de artifício da Nação que, lamentavelmente, este ano, não ocorrerão porque, em prevenção das provocações da escória, eles foram eliminados. Tirou-se o brinquedinho do povo, um sinal da retaliação do Estado sobre o mau comportamento de seus súditos. As pobres crianças da Nação que contavam tanto com esta diversão, sabendo da notícia ruim nos próprios vagões, retornam aturdidadas, sem destino, flutuando entre duas estações. Tudo isto por razões de propaganda para semear o ódio, ensinando ao povo a se detestar a si mesmo, a se dividir. Insistir em transformar o sentido dos rituais, os momentos de comunhão e de paz em guerra, criam-se as piores catástrofes, e aqueles que fizeram isto não poderão dizer que eles não sabiam [...].

*Eles nos tratam como cães! Nos utilizam até no dia do Ano Novo porque este país nunca cessou de estar em guerra, tanto dentro como fora. Nós somos para nós mesmos nossos inimigos, a escória, o burguês, as pessoas de cor, os brancos, o pobre, o capitalista, a mulher, o homem, e com esta lógica isto não termina.*¹⁷

A era pós-moderna se caracteriza então pelo paradoxo da frustração. A sociedade oferece serviços que ela verdadeiramente não assegura. A linguagem se desdobra porque a palavra não é mais tida por ninguém. A unidade dos povos se constrói sobre a cultura de seu

15 | TRUONG, Jeanne. *Fragments du métropolitain*, p. 53-54.

16 | O tema do “religioso” que sacode a sociedade francesa dá testemunho da artificialidade dos “elos sociais” em um espaço onde os cultos e as culturas são amontoadas, agrupadas, uns sobre os outros, sem verdadeira imbricação. O paradoxo que se retira daí é que se insistirmos em “pacificar” as divergências sociais, as diferenças serão cada vez mais colocadas em evidência. O célebre princípio militar do historiador latino Végécio se inverteu: *si vis bellum, para pacem*.

17 | TRUONG, Jeanne. *Fragments du métropolitain*, p. 53-54.

antagonismo: *divide ut regnes*, pois este princípio estratégico cultiva as diferenças sociais como sendo a expressão de uma pretensa diferença cultural¹⁸.

18 | JAMESON, Fredric. *Le Postmodernisme ou la logique culturelle du capitalisme tardif*, trad. Florence Nevoltry. Paris: ENSBA, coll. "D'art en questions", 2007.

A precariedade da humanidade

A cultura do medo e do embrutecimento, o culto das aparências e das oposições, a prática de uma democracia silenciosa diante das lógicas dos mercados¹⁹ anunciam a própria precariedade de todos os viajantes, pois aqueles que mergulham nas bocas do metrô são outros tantos candidatos bem formatados para a marginalização.

*O marginal não existe. Aquele que sofre, sim. Aquele que toma a forma de seu sofrimento e que sacrifica sua palavra em proveito de sua infelicidade, sim. Tendo perdido a esperança de comunicar com as palavras, ele faz o sacrifício de seu corpo, transforma-o em uma fórmula clara e enunciativa de seu mal-estar, esquecendo que o problema não é de ter bons olhos, mas o de ter vontade de ver. A paródia a mais esclarecedora de si mesmo é o resultado de um processo psicológico na origem do qual um homem pede um consolo.*²⁰

19 | CRÉPON, Marc. *Culture de la peur: démocratie, identité, sécurité*. Paris: Galilée, 2008. BAUMAN, Zygmund. *Liquid Fear*. Cambridge: Polity, 2006. VIRILIO, Paul. *Ville panique: Ailleurs commence ici*. Paris: Galilée, 2003 e *L'Administration de la peur: entretien avec Bertrand Richard*. Paris: Textuel, 2010.

20 | TRUONG, Jeanne. *Fragments du métropolitain*, p. 60.

21 | TRUONG, Jeanne. *Fragments du métropolitain*, p. 61.

O paradoxo é alcançado quando a massa é formada principalmente por marginais que impõem suas normas em regra geral. A unificação se realiza então pela soma das diferenças, e tornou-se normal ser anormal. Os arrimos identitários estão em vias de explodir de maneira que os valores do humanismo são hoje os contra-valores do pós-humanismo. A precariedade que marginaliza é, desde então, a norma sorradeira dominante. Eis porque nós todos nos tornamos "estrangeiros autóctones" em um mundo "mundializado"! Eis porque se tornou agora "normal" ver os bancos do metrô, alguns dos quais tomados por uma população abandonada à miséria, ao álcool, às drogas, à mendicância, ao roubo, à extorsão, ao sermão público, às injúrias, ao ódio, à inveja... O anormal entrou nos usos e costumes, pois esta monstruosidade ostentatória testemunha de nossa própria monstruosidade coletiva e interior.

*Não lidamos com monstros, com naturezas fora da nossa. Cotejando estas galerias de retratos atravessadas por tantos estrangeiros autóctones, eu apenas desço no coração da nudez humana. Este apanhado de homens, são meus contemporâneos, e nenhuma máscara emperra a verdade, eis o que seríamos sem outro socorro que nós mesmos se estivéssemos sem família, sem amigos, sem dinheiro, sem casa, sem país, homens em fuga, expatriados, habitantes do subsolo. São eles que representam os homens mais primitivos, os mais originários dentre nós. É por baixo que olhamos sem ilusão e que um amor profundo e selvagem, um amor de mãe estremece na consciência de nossa incomensurável fragilidade. E este amor está no fundo de nossa nobreza porque, se ele ainda brilha, é porque ele sobreviveu ao ódio de si mesmo, ao ódio do fraco.*²¹

O viajante é igual a um sonâmbulo, e o cansaço polui a atmosfera destes dormitórios ambulantes. A humanidade aparece aí exausta. Ela engole e cospe seus últimos sopros de vida, pois ela é apenas, na melhor das possibilidades, uma besta de carga. Toda uma poética do esgotamento percorre o conjunto destes textos:

*Prezada pequena porta na qual eu me apoio contra e a despeito de tudo, você sustenta minha cabeça cambaleante, meu corpo cansado, vidro fresco onde eu esmago minha bochecha em fogo, certamente eu desmontaria se não pudesse dormir contra você um instante.*²²

*Nada é mais belo do que uma cabeça adormecida, abandonada sobre o estofado de um banco do metrô. Contra a borda da janela, a luz crua não consegue dar conta da fragilidade dos olhos fechados pelas brumas do sono. De tempos em tempos, um filete de baba...*²³

É mesmo toda uma ontologia do mundo pós-moderno que se escreve aí. O metrô se tornou metrôno(r)ma dando ritmo à nossa vida urbana. Até mais: ele serve de norma a toda uma franja da sociedade condenada a circular nos subsolos da “cidade das luzes”.

*É evidente que não se passeia nos túneis, passa-se, apressa-se, avança-se. Quem dá o tempo? De onde vem o metrôno(r)ma? Avança-se, avança-se, sempre e ainda, avança-se.*²⁴

Ele é o lugar de toda *ek-sistence*, o apagamento de si próprio²⁵, retraimento na qual a massa pode se refugiar um instante para encontrar seu anonimato protetor²⁶. O homem se torna assim um “rato” constrangido ao viver na mesquinhez própria do “homem do subsolo” de Fiódor M. Dostoiévski. Sua vida está ligada aos “buracos” do *gruyère* parisiense.

*Do mesmo modo, o vazio existencial que todo mundo sente em Paris não é apenas uma projeção mental, ela é a influência física do grande buraco no qual se construiu o metrô.*²⁷

Uma pequena fábula organizada em torno de um encontro serve de reflexão, mas a narradora já se desacostumou a pensar porque o cansaço constante e a depressão, doença do século²⁸, democratização da melancolia dos Românticos e do mal-estar dos simbolistas fim de século, impedem-na. Um viajador chama sua atenção a respeito do “espelho” que oferece o metrô enquanto “espetáculo”, onde cada um se torna por vezes espectador, por vezes ator de seu próprio relato. A comunicação secou nos transportes em comum durante esta atividade de deslocamento que deveria permitir os encontros, mas que favorece mais o isolamento.

22 | TRUONG, Jeanne. *Fragments du métropolitain*, p. 79.

23 | TRUONG, Jeanne. *Fragments du métropolitain*, p. 52.

24 | TRUONG, Jeanne. *Fragments du métropolitain*, p. 84.

25 | HEIDEGGER, Martin. *Sein und Zeit*. Tübingen: Max Niemeyer, 1993, p. 52-62.

26 | BEAUFRET, Jean. *De l'existentialisme à Heidegger: introduction aux philosophies de l'existence* (1ª ed. 1971). Paris: J. Vrin, coll. “Problèmes & controverses”, 1986, p. 91-99. KOCKELMANS, Joseph J. “Language, meaning, and ek-sistence”. In: *On Heidegger and language* (1ª ed. 1972), ed. Joseph J. Kockelmans. Evanston (Ill.): Northwestern University Press, 1980, p. 3-32.

27 | TRUONG, Jeanne. *Fragments du métropolitain*, p. 52.

28 | EHRENBERG, Alain. *La Fatigue d'être soi: dépression et société*. Paris: Odile Jacob, 1998 et *La Société du malaise*. Paris: Odile Jacob, 2010.

– *Observe bem, diz ele para mim, nunca acontece nada no metrô. Todo mundo se olha, mas, o que preocupa cada um, é sua estação mesmo se não há nada que o espere na saída. Eis aí o estado de audácia e de comunicação de nossa cidade. Você não vê nisso o apogeu do espírito cristão?*

Não sei o que responder, porque me acostumei à frustração. Compreendo sua revolta. Os inúmeros corpos em nossa volta poderiam trocar ternura, marcar encontros para dormir e fazer amor. Aprendi desde muito tempo a não olhá-los demais como seres reais. Esta inibição, confesso, tem um efeito negativo sobre minha sensibilidade. Torna-se difícil ter um desejo espontâneo por alguém nestes lugares, ou ter claramente consciência de desejar quem quer que seja. Evito tomar muitas vezes o metrô para não sentir esta anestesia que vem de maneira avassaladora. É apenas por hábito, nada me obriga a isto, nem o sentimento de independência, nem nenhuma proibição. São apenas os costumes. Ele, ele é um homem muito comunicativo, um destes homens que não entendem porque os outros se recusam à felicidade enquanto que esta está entre suas mãos.²⁹

29 | TRUONG, Jeanne.
Fragments du métropolitain,
p. 80-81.

30 | A associação do *locked-in syndrome*, ou “ALIS” é uma associação francesa de interesse geral da Lei 1901 que foi criada por Jean-Dominique Bauby cujo objetivo diário é ajudar as pessoas atingidas de síndrome de encarceramento, e de fazer avançar a pesquisa sobre o *locked-in syndrome* encontrando soluções de vida adaptadas aos pacientes.

31 | TRUONG, Jeanne.
Fragments du métropolitain,
p. 81-82.

32 | BRUNETEAU, Bernard.
L'Âge totalitaire: idées reçues sur le totalitarisme. Paris: Le Cavalier Bleu, 2011. LÉCHOT, Pierre-André & STAMP, Alain.
Médias: quelle (télé) vision? Marne-la-Vallée, Farel, 2006.
FORRESTER, Viviane. *Une étrange dictature*. Paris: Fayard, 2000.

Logo, ausência de comunicação na era da mídia-toda-poderosa. O paradoxo chega ao seu cúmulo ao ponto de cair no ridículo. A narradora que encarna cada leitor “compreende a revolta” de seu interlocutor inoportuno. No entanto, esta “compreensão” não tem mais nenhum efeito, pois ela não acarreta nenhuma ação coletiva concreta. A pós-modernidade industrializou de tal maneira a natureza humana asseptizando-a que até o “desejo animal” foi apagado por um purgamento da alma (*anima*). Retira-se daí que o humano perde sua “realidade” à força de se indivu(ALIS)ar em excesso³⁰. O homem pós-moderno é um autista em potencial.

Posso apenas aprová-lo pensando que nós nos tornamos uma massa sem alegria. A cultura da mídia nos chupou até a medula ao nos retirar a única coisa que até os aristocratas vinham antes buscar com a escória, nossa inesgotável vitalidade, nosso jeito de amar, nossa sede e nossa fome. A frase de Rilke volta a mim: “Que os pobres permaneçam pobres!”. Eis aí a única esperança que podemos formular.³¹

Tal é o paradoxo de nossa modernidade que construiu o mundo sobre a esperança do progresso como fonte de felicidade. Mais o progresso avança, mais a depressão e o mal-estar estendem seu império. O ilogismo ganha então o próprio coração da humanidade. A narradora incrimina então a “mídia” cuja função deveria ter sido apenas de mediação, e não de servir cegamente um poder opressor. Este ilogismo se encontra também na manifestação totalitária que finalmente toma toda democracia incapaz de tomar as verdadeiras decisões por falta de verdadeiras competências³².

Os publicitários e os homens de televisão nos roubaram em parte nossa principal fonte de riqueza e de alegria, o instinto de nossa pobreza. Este gosto que não é dado a todo mundo. Esta nudez que deixa o homem com suas experiências diante de sua morte. Isto não é dado a todo mundo. Que nos sejam devolvidas nossa propriedades e nossas palavras de afeição, nossas gírias populares, nossas frases de consolo, nossos “queridos”, “meu açúcar”, “olhos da minha vida”, “minha princesa”, “minha rolinha”, “minha rosa”, “meu coração”. A cultura popular está nos antípodas da cultura de massa. Ela tem sua sabedoria e sabe o que é necessário ao homem, o amor, a ternura, a solidariedade. Melhor que o burguês, o pobre, quer ele seja de condição quer de vocação, sabe, pelo simples fato que ele pode com as palavras e o coração, fabricar alegria. Ele ultrapassa a metáfora materialista para os prazeres do espírito, sabe que o mundo material é a metáfora do mundo espiritual. À sua maneira, ele alcança uma idade mais avançada e mais inocente [...].³³

O relato expressa justamente a opinião do homem pós-moderno sobre sua época e sobre o apagamento dos elos sociais. Os dois protagonistas têm então um discurso social alimentado pela *doxa* popular que expressa a carência afetiva³⁴, que contrasta justamente com a (geo)política da emoção reprisada pela mídia. Quanto mais a emoção é colocada em cena, mais ela se esvai no dia a dia porque ela tende a mistificar os sentimentos tornando-os, então, inacessíveis ao comum dos mortais³⁵. A humanidade perde assim sua realidade e se torna uma “virtualidade” usando os afetos para fazer um espetáculo de massa. A essência da cultura popular acabou por ceder a uma cultura de massa, isto é, a uma produção em massa.

Assim o homem pós-moderno se desumanizou. Ele não é mais que o produto da máquina estatal, da máquina econômica, da máquina social³⁶. Ele é apenas o combustível necessário o tempo de encontrar um substituto a ele.

O metrô é o espelho do mundo moderno, o fim do vilarejo quando o homem se adapta à máquina, e resfria seu sangue ao contato das engrenagens e do fluxo perpétuo.³⁷

A precariedade do literário

A precariedade que se manifesta pela fragilidade e a instabilidade mergulha suas raízes na reza feita ao Absoluto. Ela provém do baixo latim *precare*³⁸. Como mostrou Philippe Hamon depois de Paul Claudel, a literatura resulta primeiro do discurso epidíctico: ela louva e mal-diz, distinguindo o vil do nobre antes de aconselhar e julgar. Esta precariedade é, de fato, a do escritor que enfrenta a fraqueza para tirar daí toda sua força. Este confronto *consigo mesmo como um outro* se realiza na reza onde a vaidade do eu se apaga diante do absoluto do desejo. Em literatura, trata-se de levar a sério a necessidade do “Livro total” que a modernidade não cessa de sonhar e de fazer o luto. Tentativa de *realizar* o Livro total que, como pensa Stéphane Mallarmé³⁹, poderia ser apenas o livro de todos⁴⁰:

33 | TRUONG, Jeanne. *Fragments du métropolitain*, p. 80-82.

34 | MAFESSOLI, Michel, *Homo eroticus: des communions émotionnelles*. Paris: CNRS, 2012.

35 | MOÏSI, Dominique, *La Géopolitique de l'émotion: comment les cultures de peur, d'humiliation et d'espoir façonnent le monde*, tr. François Boisivon. Paris: Flammarion, 2008.

36 | DYENS, Ollivier, *La Condition inhumaine: essai sur l'effroi technologique*. Paris: Flammarion, 2008.

37 | TRUONG, Jeanne. *Fragments du métropolitain*, p. 83.

38 | Em italiano *pregare*, e em occitano e catalão *pregar*.

39 | MALLARMÉ, Stéphane, “Le livre instrument spirituel”, In: *CŒuvres complètes*. Paris: Gallimard, coll. “La Pléiade”, 1965, p. 378-379.

40 | BOUCHETY, Éric. “Mallarmé et Boulez: la grande aventure intérieure”, *Les Cahiers Stéphane Mallarmé* 2 (2005), p. 5-32. Lise Dumasy, “Introduction”, in: *Pamphlet, utopie, manifeste XIX^e–XX^e siècles*, éds. Lise Dumasy & Chantal Massol, Paris, L'Harmattan, coll. “Utopies”, 2001, p. 14-15.

*Parece-me que a distribuição dos lugares entre os viajantes já constitui o relato de um livro. É como se houvesse um Grande Livro nesta loteria. Um Grande Livro que não cessa de se repetir com o tempo.*⁴¹

41 | TRUONG, Jeanne. *Fragments du métropolitain*, p. 108.

42 | TRUONG, Jeanne. *Fragments du métropolitain*, p. 113.

43 | EHRENBURG, Alain. *La Fatigue d'être soi: dépression et société*, p. 237.

44 | VIENNET, Denis. *Il y a malêtre: essai sur le temps et la constitution du soi contemporain*. Paris: L'Harmattan, coll. "La philosophie en commun", 2009, p. 171.

A narradora explora então o metrô à procura destes fragmentos que lhe permitem voltar no tempo, tempo da leitura, e de fazer o elo com o lugar. Um detalhe, uma palavra pega ao vento, uma impressão são outras tantas aberturas que conduzem a uma reescritura fragmentada e fragmentária.

*Mesas expõem os artigos de deontologia médica na estação Pasteur. Isto me faz pensar que eu acabei de ler um livro sobre Paracelso, eu me digo que gostaria de fazer uma homenagem a este homem admirável e odiado. Este gênio que descobriu uma multidão de coisas cujo número hoje é impensável como cabendo a um único homem. Este tipo de científico místico desapareceu de nossas vidas. Seu valor exemplar teria sido evidente neste buraco em que os homens vão e vêm por um único trabalho, certos de que isto não pode ser diferente.*⁴²

Paracelso (1493-1541) é uma das grandes figuras do humanismo. Espírito rebelde e místico do Renascimento, ele também se encontra na origem da modernidade. Ele é adulado por uns como gênio, e por outros como louco varrido. Ele é o personagem humanista por excelência em quem a ciência se mistura à filosofia e ao esoterismo. Ele dá testemunho deste desejo absoluto que desapareceu ou está simplesmente banido em uma sociedade que se compraz na autossuficiência, na mediocridade e no minimalismo. Ora, o exemplo não está mais em rigor em um mundo de marginais, pois a marginalidade tira sua virtude de sua excepcionalidade. Massificando a marginalidade, o relativismo acaba por gangrenar todos os estratos do real, e destrói qualquer aspiração ao absoluto. Esta destruição adota justamente a forma de uma implosão. Como mostra Ehrenberg, explosão e implosão aparecem como as duas facetas do problema da "impotência pessoal". Esta pode, de fato "se fixar na inibição, explodir na impulsão ou conhecer incansáveis repetições comportamentais na compulsão"⁴³. "O cansaço é logo a figura desta impotência em ser eu."⁴⁴

Neste sentido, se o fragmento designa hoje um pedaço, uma quebra, um caco, um estilhaço, uma migalha, ele remete também à citação e ao trecho. O romance de Jeanne Truong é constituído por fragmentos mais ou menos longos, de uma frase a três páginas, dispostos à primeira vista de maneira aleatória afim de que cada fragmento possa ser lido antes ou depois de outro, sem romper com a continuidade semântica do relato. Os gêneros se misturam aí como as pessoas mergulham nos vagões. O apólogo segue o aforismo depois de um retrato ou um poema em prosa. A leitura precisa se singularizar:

*Em todo lugar, aqui como albures, tem o paraíso e o inferno, tudo depende da maneira de interpretar o que temos nas mãos, de refabricá-lo, colher flores ou morrer em um deserto. O canto das escadas rolantes à meia-noite vale o canto dos pássaros na aurora. Claro, exagero um pouco.*⁴⁵

Disto conclui-se que o texto é ao mesmo tempo esotérico e exotérico. O “paraíso” é o *pardès* (פרדס): método de leitura cabalística. Ele significa literalmente *verger*⁴⁶, termo que compartilha a mesma origem do termo greco-latino *paraíso*, designando, na tradição judaica o lugar onde o estudante da Torá pode atingir um estado de beatitude. Quanto ao “inferno”, ele é este lugar onde os livros condenados purgam suas penas na Biblioteca Nacional Francesa. Ora, “ler”, que se diz em alemão *lesen* e em neerlandês *lezen*, e que significa igualmente *colher*⁴⁷, remete, segundo Martin Heidegger, ao ato da colheita⁴⁸. Enfim, o deserto em hebreu é o *midbar* (מדבר), o lugar da palavra, pois é o espaço da transição, como o metrô onde o silêncio faz surgir a palavra (*davar*, דבר). A partir daí o escritor, tal como Paracelso, deve ser sensível à “língua dos pássaros”⁴⁹, isto é, à leitura interior e anterior.

Esta fragmentação ou despedaçamento do texto sob a forma de óstraco responde de maneira localizada à fragmentação dos indivíduos, e globalmente àquele da sociedade pós-moderna. O sujeito é rompido desde seu interior, pois seu horizonte de esperança está limitado às paredes do metrô. Ele é então desmultiplicado, jamais ele mesmo e sempre um outro.

Em um compartimento, há uma intensa concentração de seres dessemelhantes. Cruzamos homens e mulheres que encarnam precisamente a criança que fomos, o homem ou o velho que seremos. É, às vezes, minha mãe que adivinho na mulher que fala à sua criança. Às vezes, é a criança que sou diante de uma avó jovial. E, nos olhos desta menina que beira os trinta, reconheço minha irmã. Não é da juventude ou da adolescência em geral, é da espécie particular que fomos [...].

*Uma velha mulher me fixa com seus olhos de coruja reconhecendo certamente em mim aquela que ela foi, sem dúvida atravessada por emoções que eu ainda não sei ler. Cada um vê uma coisa diferente em função de sua maturidade.*⁵⁰

Este mosaico interior e anterior se encontra sob a égide da narração. A narradora muda constantemente de personalidade: uma vez jovem, uma outra mais velha; uma vez de raiz francesa, uma outra de origem estrangeira; uma vez culta, uma outra ignara; uma vez sensível e sensual, uma outra fria e frígida, etc. Ela vampiriza todas as figuras possíveis:

Vagueio como um vampiro procurando minha alimentação na multidão. Onde encontrar um calor à minha disposição, um calor de supermercado do qual se pode

45 | TRUONG, Jeanne. *Fragments du métropolitain*, p.179.

46 | NdT, a acepção do termo *verger* é pomar.

47 | O verbo Λέγω [légō] significa primeiramente *rassembler* [*juntar*] inclusive na *Ilíada* e na *Odisseia* *rassembler des os* [*juntar ossos*], daí *trier* [*triar*], *compter* [*contar*], depois *dire* [*dizer*]. A partir do verbo grego se forma o verbo latino “lego”, *lire* [*ler*]. NdT, acréscimo da tradução dos verbos em português.

48 | HEIDEGGER, Martin, *Question II*. Paris: Gallimard, 1968, p. 238.

49 | Enquanto língua secreta que dá um outro sentido às palavras e às frases, quer pelo jogo das sonoridades, quer pelos jogos de palavras (anagramas, fragmentos, etimologismos, etc.), quer pelo simbolismo das letras, ela serve aos iniciados do sistema de codificação oculta aos textos de alquimia e à poesia hermética. Ver Virgile, *Énéide* III, 360 e Farid al-Din Attâr, *Mantic Uttair, ou le langage des oiseaux*, trad. Joseph-Héliodore Garcin de Tassy, Paris, Imprimerie Impériale, 1863. Ver: BURGER Baudoin, *La Langue des oiseaux: à la recherche du sens perdu des mots*. Paris: Louise Courteau, 2010.

50 | TRUONG, Jeanne. *Fragments du métropolitain*, p. 106.

aproveitar livremente sem ter que comunicar, que seduzir, que mendigar, a não ser nesta massa quente que não suspeita de seus próprios recursos, ignorante da temperatura que ela produz? Este gesto anódino de deixar cair seu braço contra aquele de outro. Eu me recarrego com a presença das carnes, absorvo com saciedade, bebo sua emanção sem a qual eu cairia como as asas de uma borboleta ressecada sobre um muro.⁵¹

51 | TRUONG, Jeanne. *Fragments du métropolitain*, p. 150.

52 | NdT, Em francês a expressão é: "Cette précarité (du) littéraire (...)." O autor constrói um jogo semântico no título do artigo "La précarité du littéraire" a partir da construção sintática que introduz uma indeterminação na própria natureza do termo "littéraire" que, neste caso, oscila entre ser "adjetivo" e ser "substantivo", como podemos ver a seguir: "La précarité du littéraire" (substantivo), e "La précarité (du) littéraire" (adjetivo).

53 | BAUMAN, Zygmunt, *Culture in a Liquid Modern World*. Cambridge: Polity, 2011.

54 | VIRILIO, Paul, *Le Grand Accélérateur*. Paris: Galilée, 2010.

55 | AUBERT, Nicole, *Le Culte de l'urgence: la société malade du temps*. Paris: Flammarion, 2003.

56 | SMATI, Rafik, *Éloge de la vitesse: la revanche de la génération texto*. Paris: Eyrolles, 2011.

57 | FINCHELSTEIN, Gilles. *La Dictature de l'urgence*. Paris: Fayard, 2011.

Enfim, esta brecha no coração do texto é a da própria literatura em ruptura genérica e geracional. Em uma sociedade de massa, todo escrito pode pretender ter sua literabilidade ao ponto do literário se apagar com o desaparecimento das fronteiras. Esta precariedade do que é⁵² literário decorre da "liquefação" da cultura⁵³ onde o cultural torna-se um produto de consumo de massa e se encontra levado pela necessidade de responder a sua própria segmentação, ou de criá-la. A partir daí, a própria leitura se encontra em uma situação de precariedade diante de um universo tomado pela contínua urgência. Até mesmo os marginais que rondam nos vagões e dormem no próprio chão das estações também têm falta de tempo e de lazer para ler. A velocidade diz respeito a todas as atividades da sociedade, e triunfa em uma inalcançável entropia. Tudo deve ser feito com velocidade⁵⁴. Sintoma de uma patologia social⁵⁵. Esta urgência se repercute na leitura que se fragmenta, pois as ocasiões de leitura estão desde agora despedaçadas e ritmadas pelos imperativos cotidianos⁵⁶ e a ditadura da urgência⁵⁷. Ao invés de alimentar o espírito, a leitura preenche os vazios a solavancos entre duas estações. Ela se tornou o "barulho" necessário aos silêncios das existências anônimas. Eis porque a obra é composta com textos mais ou menos curtos que podem ser lidos durante o tempo de uma viagem, e em qualquer ordem de leitura, de maneira a sempre produzir sentido. A precariedade das condições de leitura conduz à precarização da leitura e, logo, até da literatura em uma sociedade onde a letra cede ao hieróglifo, ao grafite, ao signo, à imagem. A Twitteratura e as nanoliteraturas, ao explorar as microficcões, abrem novas vias para um minimalismo em rigor em tempos de crise.

A precarização do mundo é um processo global que se realiza em escala local, como a desagregação da literatura acompanha sua massificação. Se Francis Fukuyama predisse o fim da História no sentido global, ele reconhece, todavia, a emergência de histórias mais locais. A literatura encontrou paradoxalmente um novo manancial no minimalismo e na fragmentação dos relatos, segundo o princípio das séries e das serializações, e isto a partir de um trabalho em cadeia.

Ora, até o gênero romanesco está chamado a se exaurir por não ser mais que um clichê desprovido de sentido: o romance corre o risco de designar um objeto sem forma e sem fundo. Inclusive o processo de globalização que se expressa geralmente em inglês ou em globish testemunha do apagamento do termo de "romance" em proveito do de "ficção", assinalando assim toda a virtualidade do literário. De fato, é bem a questão essencial do "valor", e nossa

incapacidade toda pós-moderna em avaliar o que se refere ao literário e ao não-literário que são assim recolocados em questão pela precarização até do gênero que quis colocar em cena a humanidade, a sociedade, o povo, o fato social em uma corrida desenfreada para ter sempre mais realidade. Ao extremo do real se aloja o virtual, como o não-ser sustenta o ser.

Jeanne Truong posiciona uma poética da precariedade fundada sobre o despedaçamento e o inacabamento do humano. Sua obra, ainda bem jovem, é um testemunho sobre a precariedade da atividade literária desde agora condenada a sobreviver no espaço subterrâneo das *entre-duas* estações?

